

Revista de História e Memória mantida por grupos de pesquisa em História sediados nas universidades federais do Rio Grande do Norte (UFRN) e de Sergipe (UFS) e nas universidades Regional do Cariri (URCA) e do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)



Folhas de rosto das edições de 1586 (Lisboa: Manoel de Lyra) e 1785 (Lisboa: Na Of. de Joze da Silva Nazareth) do livro *Elegiada* de Luis Pereira Brandão. Imagens retiradas da Biblioteca Nacional de Portugal e da University of Toronto Library, respectivamente. | Imagem: [Cardoso \(2025\)](#)

Margens da modernidade

Resenha do dossiê “A Sociedade e as práticas letradas nos paratextos da Época Moderna”, organizado por Andréa Doré e Verônica Calsoni Lima

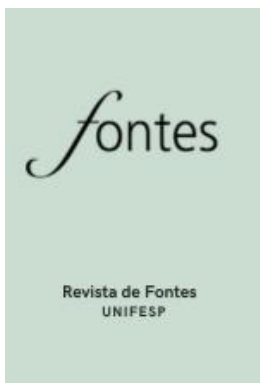
Recebido em 24/06/2026 e publicado em 20/07/2026

José Alexandre Bail Kazienko (UFPR)

Resumo: “A Sociedade e as práticas letradas nos paratextos da Época Moderna”, dossiê organizado por Andréa Doré e Verônica Calsoni Lima, examina paratextos como mediações sociais na Época Moderna. Peca pela ausência de conclusão coletiva, repetições conceituais e articulação interna limitada, mas apresenta sólida renovação historiográfica, diversidade documental e consistente articulação entre teoria, métodos e fontes.

Palavras-chave: paratextualidade; cultura escrita; História Moderna; revista de história; história do livro.

“A Sociedade e as práticas letradas nos paratextos da Época Moderna” é um dossiê temático da *Revista de fontes*, publicado em 2025, apresentado por Andréa Doré e Verônica Calsoni Lima e concebido a partir das discussões do grupo “A função social dos paratextos no período moderno”, coordenado por Doré e integrado por André de Melo Araújo, Thomás Haddad, Luís Filipe Silvério Lima e Verônica Calsoni Lima. A obra parte da necessidade de deslocar o conceito de paratexto de uma tipologia herdada de Gérard Genette para uma ferramenta de análise da documentação da época moderna. Seu objetivo central consiste em examinar os paratextos como mediações sociais capazes de revelar produção, circulação, disputa, lealdade, censura, autoridade e sociabilidade entre os séculos XVI e XVIII.



O dossiê se insere em um campo historiográfico alimentado pela história do livro, pela cultura escrita, pela bibliografia material, pela história intelectual e pela história política da Época Moderna. Sua intervenção mais clara está na passagem do paratexto como “limiar” relativamente estável da obra para a paratextualidade como relação histórica, contextual e funcional. Andréa Doré, professora da Universidade Federal do Paraná, e Verônica Calsoni Lima, professora da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, articulam uma agenda coletiva que dialoga com R. Genette (2009), G. Chartier (2014) e A. Blair (2021), mas evita transformar essas referências em grade classificatória. A pergunta que atravessa a coletânea é menos o que é um

paratexto? do que o que determinados elementos fazem em circunstâncias concretas de produção e leitura?.

A unidade intelectual do conjunto se organiza, inicialmente, em torno dos paratextos preliminares. As dedicatórias examinadas por Arthur Feller Rigaud Cardoso aparecem como instrumentos de comunicação política no Portugal da Monarquia Hispânica, pois acolhem conselhos, advertências e propostas dirigidas a reis, vice-reis e membros dos conselhos. Claudio DeNipoti, ao analisar prefácios de livros portugueses de ensino, desloca a atenção para a educação setecentista, as reformas pombalinas e a construção de leitores imaginados. Em ambos os casos, os textos liminares funcionam como lugares de negociação entre autor, público, patronato, projeto pedagógico e circunstância política.

Outro eixo reúne estudos nos quais a paratextualidade aparece vinculada à autoridade do conhecimento, à censura e à legitimação da escrita. André de Melo Araújo interpreta o prefácio da *Historia genealogica dominorum Holzschuberorum* (1755), de Johann Christoph Gatterer (1727-1799), como dispositivo de validação da prova histórica, propondo a noção de “epistemologia paratextual”. Kelly Appelt, ao tratar das páginas liminares de *Rimes redoublées* (1671) e *L'Avantures d'Italie* (1677), de Charles Dassoucy (1605 - 1677), mostra como prefácios, dedicatórias e peças preliminares podiam proteger obras e autores em ambiente de disputa literária e repressão político-religiosa. André Sekkel Cerqueira examina licenças e aprovações no contexto da Restauração Portuguesa, evidenciando sua função retórico-poética na consagração do gênero histórico. Verônica Calsoni Lima, por sua vez, acompanha *The Rehearsal Transpros'd* (1672 e 1673), de Andrew Marvell (1621 - 1678), para mostrar como folhas de rosto, licenças e marcas de impressão participavam das disputas entre censura e abertura da imprensa.

Os três artigos finais alargam o repertório documental do dossiê. Andréa Doré trata de elementos paracartográficos em mapas das terras do Brasil, como enquadramentos, escalas,

cartuchos e imagens, demonstrando que a paratextualidade não se limita ao verbal nem ao impresso estritamente livresco. Thomás Haddad acompanha a circulação editorial do relato de Valentin Stansel (1621 - 1705) sobre o cometa de 1668 em periódicos científicos, reconstituindo redes de tradução, referência e mediação editorial. Luís Filipe Silvério Lima, ao cotejar *Esperança de Israel* (1650) e *Apologia por la noble nación de los Judios* (1649), de Menasseh Ben Israel (1604 - 1657), examina a fluidez entre texto, posfácio, obra autônoma e instrumento de circulação milenarista. Esses estudos sustentam a aposta metodológica do dossiê: seguir os paratextos permite reconstituir regimes de autoridade, circuitos de leitura e formas de inscrição social dos documentos.

Os limites da obra derivam menos da qualidade dos artigos do que de sua arquitetura. A apresentação explícita a proposta comum, mas o dossiê não dispõe de uma conclusão coletiva capaz de retomar, comparativamente, os resultados dos nove estudos. A recorrência das definições de Genette em cada artigo garante autonomia de leitura, embora produza certa repetição conceitual. Também há uma assimetria entre os textos centrados em preliminares impressos e aqueles que experimentam objetos menos convencionais, como mapas, periódicos científicos e articulações entre obras. Essa diferença é produtiva, mas poderia ter sido explorada de forma mais direta como problema interno da coletânea. O leitor precisa reconstruir por conta própria as passagens entre paratexto, preâmbulo, materialidade, mediação e paratextualidade.

A principal força do dossiê está em transformar uma categoria frequentemente usada de maneira auxiliar em problema historiográfico. A coletânea demonstra que dedicatórias, prefácios, licenças, cartuchos, folhas de rosto, marcas de impressão e encadernações não antecedem ou acompanham textos de modo passivo, mas participam de suas condições de existência social. O conjunto é particularmente consistente ao articular fontes, métodos e teoria: não aplica Genette de modo mecânico, mas testa a categoria em arquivos, gêneros e materialidades da Época Moderna. A variedade documental permite que os resultados sejam úteis a pesquisas sobre política ibérica, educação, censura, libertinismo, cartografia, ciência moderna, judaísmo sefardita e cultura impressa.

Em síntese, “A Sociedade e as práticas letradas nos paratextos da Época Moderna” cumpre o objetivo que anuncia: expandir e motivar o estudo dos paratextos na documentação moderna a partir de uma noção funcional de paratextualidade. Sua contribuição reside em mostrar que a margem não é exterior ao documento, mas parte ativa de sua circulação, de sua autoridade e de seus conflitos. O dossiê interessa a pesquisadores, docentes e estudantes de graduação e pós-graduação dedicados à História Moderna, à cultura escrita, à história do livro, à circulação textual, à paratextualidade, à cultura política e a campos correlatos.

Referências

- BLAIR, Ann. *L'entour du texte: la publication du livre savant à la Renaissance*. Paris: BNF, 2021.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- DORÉ, Andréa; LIMA, Verônica Calsoni (Org.). Paratextos na Época Moderna: limiares metodológicos e questões documentais. *Revista de Fontes*, Guarulhos, v. 12, n. 23, 2025.

Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/issue/view/1051>. Acesso em: 24 jun. 2026.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

Sumário de “Paratextos na Época Moderna”

A Sociedade e as práticas letradas nos paratextos da Época Moderna | Andréa Doré e Verônica Calsoni Lima

Conselho, paratexto e política: o papel das dedicatórias na comunicação política portuguesa (1580-1640) | Arthur Feller Rigaud Cardoso

Paratextos editoriais em livros portugueses de “ensino” no século XVIII | Cláudio DeNipoti

Epistemologia paratextual. Prova e autoridade no prefácio à *Historia genealogica* (1755) de Johann Christoph Gatterer | André de Melo Araújo

Paratextos vindicativos e mobilidade dos textos: as páginas liminares de dois impressos de Charles Dassoucy | Kelly Appelt

“Saia a dilatar-se pelo universo esta campanha há pouco tempo de Marte, e agora de Apolo”: licenças e aprovações do gênero histórico no tempo da Restauração Portuguesa | André Sekkel Cerqueira

“A imprensa está aberta”: disputa de poder e autoridade nos paratextos de *The Rehearsal Transpros’d* (1672-1673) | Verônica Calsoni Lima

Paratextos cartográficos: enquadramento, escalas e cartuchos nos mapas das terras do Brasil | Andréa Doré

Funções editoriais, paratextos e circulação do conhecimento nos primeiros periódicos científicos: a história editorial do relato de Valentin Stansel sobre o cometa de 1668 | Thomás A. S. Haddad

Entre Esperança e Apologia: Paratextualidade na análise de impressos de Menasseh Ben Israel (1649-1650) | Luis Filipe Silvério Lima

Resenhista



José Alexandre Bail Kazienko é mestrando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS), na linha de pesquisa História, Memória e Narrativa (AMENA), e bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É licenciado em História pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Publicou, entre outros trabalhos, [A Construção do Mundo Atlântico: um panorama sobre a complementaridade de seus espaços \(séculos XV e XVI\)](#) e, em coautoria com Ana Luiza B. Fidelis, [Bases de dados e historiografia atlântica: uma leitura a partir dos repositórios BrasilHis Database e Slave Voyages](#). ID Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/3528236161251858>; ID ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5417-0637>; e-mail: jabkazienko@gmail.com.

Para citar esta resenha

KAZIENKO, José Alexandre Bail. Margens da modernidade: Resenha de: DORÉ, Andréa; LIMA, Verônica Calsoni (Org.). Paratextos na Época Moderna: limiares metodológicos e questões documentais. *Revista de Fontes*, Guarulhos, v. 12, n. 23, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/fontes/issue/view/1051>. Acesso em: 24 jun. 2026. *Crítica Historiográfica*. Natal, v. 6, n. 30, p. 6-10, jul. / ago., 2026.

© – Os autores que publicam em *Crítica Historiográfica* concordam com a distribuição, remixagem, adaptação e criação a partir de seus textos, mesmo para fins comerciais, desde que lhes sejam garantidos os devidos créditos pelas criações originais. (CC BY-SA).